

## A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO

Rodrigues Till

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul anunciou, auspiciosamente, o início dos preparativos para assinalar o transcurso da grande efeméride de 20 de setembro de 1985. Nada mais certo que o IHGRGS tomar a dianteira na programação desse acontecimento cívico-cultural, eis que não somente estará dando fiel cumprimento à sua finalidade precípua, como dispõe, para tanto, de largo cabedal de experiências e tradições.

A Revolução Farroupilha já mereceu, aliás, de parte da instituição presidida por Adroaldo Mesquita da Costa dois eventos memoráveis: em 1935, foi promovido o Primeiro Congresso de História e Geografia Sul-rio-grandense, em comemoração do centenário da Epopéia Farrapa, enquanto em 1945 realizaria o Quarto Congresso para comemorar o centenário da paz de Poncho Verde. As duas datas marcantes do Decênio Heróico foram assim evocadas condignamente, como o comprovam, de sobejo, os respectivos e alentados anais de ambos os certames.

Além do Quinto Congresso, o Instituto Histórico levará a efeito outras realizações de altos méritos, a exemplo da reedição de obras importantes e extremamente raras, como a **Guerra Civil no Rio Grande do Sul** (Rio, 1881), do cearense Tristão de Alencar Araripe (1821 – 1908) e os trabalhos de Alfredo Ferreira Rodrigues (1865 – 1942), divulgados pelas páginas do seu **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul** (Rio Grande, 1889/1917).

O prestigioso Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina deverá promover, igualmente, atos comemorativos, visto que os barriagas-verdes daqueles tempos, comungando dos mesmos ideais dos gaúchos, proclamaram, a 22 de março de 1839, em Laguna, a República Catarinense, mais conhecida por República Juliana. Fizeram de sua antiga província um “Estado livre e independente”. David Canabarro estava lá, Garibaldi também. Só que o guerrilheiro italiano, ao contrário dos demais insurrectos, trouxe uma preciosa presa de guerra: a “gentil morena” Ana de Jesus Ribeiro. A 15 de novembro, porém, seria aniquilada a novel República, para ressurgir, em dimensões nacionais, com precisão matemática, cinquenta anos depois. Sílvio Back tem na Revolução Farroupilha um belo tema que poderá levar para a tela, com toda a força de seu talento e com o apoio total da Embrafilme.

Em termos de literatura, entretanto, a Epopéia dos Farrapos já atingiu um apreciável estágio de perquirições históricas. Em 1935, os autores gaúchos, principalmente, deram uma excelente contribuição ao brilhantismo das comemorações do Centenário. Muitos deles produziram mais de um trabalho, inclusive os que residiam fora do Rio Grande do Sul. Aurélio Porto realizou um empreendimento hercúleo, mergulhando fundo no Arquivo Nacional. Daí ter colhido toda a documentação inestimável do **Processo Farrapos**, publicando-a a partir de 1933.

Já em 1932, todavia, o General João Borges Fortes, também no Rio de Janeiro, lançava, como primeira “Edição do Centenário Farrroupilha”, aquele seu ensaio que se tornaria famoso — **Casais** —, no qual estuda, com acuidade, a presença dos açorianos na formação da gente rio-grandense, de cuja bravura haveria de surgir a luta armada de 1835.

Dos prelos cariocas ainda sairia, ao correr dos anos, uma sucessão de títulos. H. Canabarro Reichardt, em 1934, dá-nos um estudo biográfico sobre **David Canabarro**. Com prefácio de Souza Docca temos, em 1938, **Guerra dos Farrapos**, de Castilhos Goycochea. Fernando Callage, que já editara **A Revolução dos Farrapos** (São Paulo, 1934), aparece em 1935 com **Episódios Históricos da Revolução dos Farrapos**. De Aurélio Porto também teríamos em 1938 o poema **Farrapfadas**, tido como “chave de ouro” para a coleção aberta com **Casais** do historiador Borges Fortes, presidente da Comissão Executiva do Centenário Farrroupilha, na capital da República.

Ainda nos viriam do Rio de Janeiro outras obras de especial relevo, como **Garibaldi e a Guerra dos Farrapos** (1938), de Lindolfo Collor, e **A Revolução Farrroupilha** (1939) do General Augusto Tasso Fragoso, que presidira a Junta Militar com a derrubada de Washington Luís.

Lá na Paulicéia, o Clube Vinte de Setembro, constituído por acadêmicos gaúchos da famosa Faculdade de Direito, já havia glorificado “a imortal revolução do Rio Grande do Sul, no seu 47º aniversário, 20 de setembro de 1882”. Coube ao futuroso jovem Joaquim Francisco de Assis Brasil, embora a “estreiteza de tempo” de que dispunha, a honra de escrever magníficas páginas de história política. A **História da República Rio-Grandense**, editada na Corte, revela, em toda sua extensão, os elevados dotes de inteligência que fariam daquele moço um dos varões mais eminentes da história brasileira. E o líder da Revolução de 1923.

Na introdução de seu belíssimo ensaio, Assis Brasil fez afirmações que nos surpreenderiam cem anos mais tarde. “Nada falta ao Rio Grande do Sul. É uma terra que pode viver com luxo exclusivamente dos seus próprios recursos. Tudo ali é favorável à civilização e ao progresso, ainda mesmo aquelas circunstâncias que à primeira vista representam um estorvo” (Ob. cit., 11/12).

A capital gaúcha tornou-se, evidentemente, o maior cenário das comemorações do Centenário, sendo a Exposição Farroupilha um acontecimento ímpar e inesquecível. A Livraria do Globo, por sua vez, abriu todas as comportas de seu parque gráfico para inundar os lares rio-grandenses com valioso acervo de obras históricas. Em 1932 H. Canabarro Reichardt já publicara **Bento Gonçalves**, estudo biográfico que apresentara ao Segundo Congresso de História Nacional, no Rio de Janeiro ( 1931 ). O baiano Henrique de Casaes, que se naturalizara gaúcho pelo coração, decanta em versos os **Vultos Farroupilhas** ( 1935 ). No mesmo ano muitos outros livros: Fernando Osório ( pai ) surge com **A Guerra Civil dos Farrapos**. Othelo Rosa estuda, um por um, os principais **Vultos da Epopéia Farroupilha** e De Paranhos Antunes apresenta **Episódios e Perfis de 1935**. Apolinário Porto Alegre ( 1844 – 1904 ) renasce com uma obra póstuma: **Cancioneiro da Revolução de 1935**. E Souza Docca insistirá em sua tese **O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha**.

Pela Tipografia do Centro, Olyntho Sanmartin lança um ensaio histórico sobre um personagem controvertido: **Bento Manoel Ribeiro**. Uma nova **História da República Rio-Grandense** é escrita por Dante de Laytano e outro professor, Afonso Guerreiro Lima, publica **Cronologia da História Rio-Grandense** ( ambas da Globo, 1936 ). Através da Livraria Selbach, que já lhe editara em 1931 a primeira série de **Farrapos !**, Walter Spalding imprime o segundo volume da obra em 1935. Produziria, após, diversos outros trabalhos a respeito, como **A Revolução Farroupilha** ( São Paulo, 1939 ) e **A Epopéia Farroupilha** ( Rio, 1963 ). Em 1945 seria publicado **O Sentido e o Espírito da Revolução Farroupilha**, discurso proferido pelo deputado J. P. Coelho de Souza na sessão solene da Assembléia Legislativa do Estado a 20 de setembro de 1935.

Embora quase inacessível por questões de estilo, a **História da Grande Revolução** ( Globo, 1933 ), de Alfredo Varela, com seis alentados tomos e riquíssima documentação, é uma obra monumental. É pena que todo oceano seja de água salgada. Em suas profundezas, porém, há tesouros que só especialistas conseguem descobrir. Mas é preciso muito fôlego e determinação. Que tipo de obras teremos no Sesquicentenário da Revolução Farroupilha ?

( De **Letras & Livros**, supl. do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, 23-7-1983. )